



#4
Inéditos
de
Pessoa

Sem título

Matthew Arnold, que foi (embora aqui se não saiba, o que quer dizer apenas que aqui se não sabe) um¹ dos grandes poetas do século dezanove, definiu, numa frase que ficou celebre, a nullidade intima da civilização puramente material: “De que te serve um comboio que te leva num quarto de hora de Camberwell para Islington, se te leva de uma vida reles e estúpida em Camberwell para uma vida reles e estúpida em Islington?”

Com effeito, valendo apenas como facilidades para uma vida que deve ter mais altos fins, as conquistas materiaes nada significam em si mesmas senão quando effectivamente resulta da sua applicação qualquer coisa relativa a esses altos fins. Sobre a natureza d’esses altos fins podemos divergir: para uns serão simplesmente a grandeza nacional (é um conceito estreito, mas é, para a maioria dos homens, a unica coisa que verdadeiramente os arrasta para fóra do seu egoismo natural, e assim torna possível que façam mais alguma coisa que vegetar activamente); para outros consistirão na felicidade humana (o que é um conceito igualmente restricto, pois os cães e os gatos, se fossem capazes de conceitos sociologicos, não teriam outro); para alguns consistirão em determinados fins religiosos; para outros (entre os quaes me incluo) na criação de valores civilizacionaes — valores artisticos, scientificos, philosophicos — que sirvam de estímulo e de consolo aos homens futuros.

Em si mesma, a civilização material nem sequer é civilização, mas simplesmente aperfeiçoamento. Melhoram as condições em que os homens vivem; os homens podem melhorar ou não. É sabido por todos os sociologos que as condições climaticas extremamente benevolas tendem a estorvar o progresso e a civilização do povo sujeito a ellas, porisso mesmo que não suscitam opposição, fazendo viver a vontade, não dificultam a vida, despertando a emoção, não criam problemas de vida, acordando a intelligencia.

Quando, pois, em resposta a argumentos, como aquelles² que de todas as partes — excluindo as democraticas e radicacs, que atacam por uma questão de fanatismo politico — se levantam contra o fascismo, se responde com a regularização do horario dos comboios, a melhoria do valor da lira, e, até, o estabelecimento da ordem publica (suppondo que a paz varsoviana³ seja a ordem), não se responde a nada: allega-se simplesmente uma coisa differente, e que não vem para o caso.

Matar, torturar e enxovalhar não são phenomenos necessariamente envolvidos na producção do bom funcionamento dos comboios. Não é inconcebível que se possa melhorar a lira sem queimar bibliothecas particulares, e exercer sobre a imprensa uma censura de character physico. A propria manutenção da ordem não [...]

NOTAS DO INVESTIGADOR:

¹ No original: “os”.

² No original: “aquellas”.

³ “Paz varsoviana”: expressão alusiva a acontecimentos do século XVIII, significando uma paz imposta pela força.

